

Transcrição de diálogos e narração de *chama terra terra chama*

Minuto 01'49''

Se eu te contasse sobre a experiência, você acreditaria? Sobre a experiência, sobre a crença, sobre saber contar. Não se trata de verdade ou mentira, mas da falta. A sua falta na experiência, a falta de fiar-se, o que falta à narrativa. Eu poderia enviar uma imagem, mas a imagem não é.

Minuto 02'10''

Os saberes... os saberes, seja ele os saberes acadêmicos, os saberes familiar, seja ele popular, científico ou empírico, ou seja o quê que queira, mas ele sempre tem um cordão, ele tem um início. Ele parte de um princípio. É que muitas vezes não paramos pra enxergar esse princípio, de onde que ele surge.

Mas ele surge do núcleo, do grupo, ali, familiar, muitas vezes esse saber ele tá aqui, ele nasce aqui na cozinha, ne. Muitas vezes numa conversa informal, mas é essa conversa que te norteia, muitas vezes, a vida inteira, sabe? É o norte. Ali é onde você vai trabalhando a questão dos princípio, a formação de princípio humano, enquanto sujeito, enquanto indivíduo. Mas é ali, onde te norteia. Eeee, às vezes a gente fica ouvindo.

Eu digo que quando nós passamos a fingir que somos sabidos, nós passamos a ignorar esse saber, a dizer que esse saber é atrasado, arcaico, que isso tá muito antigo, que isso não serve mais. Mas esse é um princípio de vida, se torna o princípio de vida. E esses foram saberes que ao longo dos anos foram sendo sufocados.

Então, assim, quando nós falávamos do beato, quantos saberes tinha ali, naquela vila, naquele ciclo familiar, naquele ciclo comunitário? Quantas formas de enfrentamento, de economia, ne? De cultivo, de criação, tinha ali? quantas? E que foi sufocado?

Minuto 04'48''

Existe um poema de Henriqueta Lisboa em que ela diz: “O morto respira por sob o véu, também os vales respiram amoldados à neblina”.

Que os panos bordados possam servir de proteção aos assentos onde tomarão lugar as convidadas do futuro reencontro. Rodinha, como uma dança, as mulheres se encontram e eu encontro grande parte de mim, canto e voz, ouve a respiração?

Minuto 05'50”

O gesto de duas mãos postas que se friccionam, faiscando o fogo, atrito do galho na palha, O fio, galho mole do capulho. O fogo, o fio, e fiar é também ter fé. Pavio. O pó.

Minuto 07'09”

Quando Maria Vieira ateou fogo em si mesma, no Caldeirão, fugia de ser presa e levada pela polícia. Corria em chamas e morreu carbonizada. Ainda falava, ao pé do cruzeiro e antes de terminar de morrer, se é que se termina de morrer, ouviu um policial lhe perguntar se queria terminar de morrer de tiro ou cacetada. É que um homem mata uma mulher mesmo quando ela se mata. E ela se mata porque sabe que o homem irá matá-la. Autoimolada, como uma monge, Maria Vieira, mártir de si mesma, não tinha pai, mãe, não era branca. Vivia entre as suas e seus na irmandade onde tudo era de todos e nada de ninguém, e também sua morte era de todos e foi de ninguém.

Depois que se imagina uma mulher em chamas, essa imagem se torna difícil de apagar. Essa imagem não se desfaz nas cinzas, não se junta tão facilmente aos outros corpos mortos e foram tantos outros naqueles dias.

O fogo que Maria Vieira trouxe sobre si já comia as casas, as sacas de algodão, já tinha sido ateadado pela polícia, de modo que ela não teria fogo se o fogo já não queimasse.

(alteração na voz da narradora)

deve ter sido doloroso, para o coração fanatizado daqueles pobres sertanejos, o espetáculo da primeira noite de ocupação; as suas inteligências simples nunca poderiam justificar tamanha violência; e a visão das primeiras casas devoradas pelas chamas, ponteando os morros de clarões sinistros, ateou lhes n'alma a fogueira do rancor e da vindita

Depois dessas palavras do tenente que ateou fogo nas casas, cujo nome não reproduzo ao lado do nome de Maria Vieira, essas palavras se tornam difíceis de aceitar. Não tem assento o olhar sórdido, não tem assento aquele que inventa vingança alheia justificando o ataque, de modo que há uma violência primeira, que sabemos de onde vem, como sabemos quem matou Maria Vieira.

Minuto 09'28"

Faz tudo, né? Faz tudo.. Porque sabia que ia morrer mesmo.

Eu sei que foi um negócio sério nesse tempo do beato..

E o nosso também, menina. O padre daqui, um padre Expedito, um demônio que tem aqui, um diabo desse não é padre, quando soube que nós tinha ocupado, mandou buscar foi o batalhão de choque em Fortaleza pra vim matar nós. Lá dentro, fazer do mesmo jeito que fez com o beato.

Minuto 10'13"

Enquanto busco entender onde mora minha fé, fé alheia me ensina. Centenas de milhares de romeiros, peregrinos, evidência mágica do que deve ser crer. Quem nomeia as beatas? Quem nomeia os padres? Os bispos? Os tipos andarilhos pelo mundo, anunciando o fim?

Dizem que levam nos passos a esperança, uma corda. Aquilo que o malabarista lança e misteriosamente prende-se no espaço. Ninguém vê, e ele se lança. Uma ruma de gente, todas muito crentes no malabarista. Penitente, errante, movente, perambulante, retirante: todas equilibristas louvando ritos. Um animal nos estende a mão, nos oferece em troca uma semente, seria deus nos indicando o caminho?

Minha fé mora onde busco entender quantos anos ainda nos restam pra abandonar a terra firme da certeza e partir. Onde levam todos os caminhos? Roma? Bifurcam-se?

Profecia dos espíritos, enquanto busco entender onde mora a chuva, advinha, o sertão vai virar mar. É pra conjurar o paradoxo autoritário da servidão gratuita, nova era da fé de almas penadas. Servidão pra quem? Salvação de quem? Do quê?

Quando a gente diz que é da terra, a gente aceita que a terra é muito maior que a gente, dona da gente.

Uma fiel risca seu nome sobre a camada de tinta que reveste a estátua do homem santo. Dizei-me: que coisa é um demônio? Os demônios não são outra coisa senão homens com asas, anjos que não tem nada no mundo, os que cavam seus leitões.

Venho da terra de onde se mata por ferro, nessa terra se mata por água. Deusas das águas, fazei-me instrumento desta levada. Como um milagre sabe dissolver galho espinhento da cerca e do tronco fazer imagem, brotos de imagem. Como uma floresta sabe atravessar os anos, rasteira, buscando o ar, por vezes, retorna à terra, viveira da mata branca, urgente!

Entre uma batida e outra do coração, o menor intervalo da imagem técnica, se fazendo nítida, por dentro, pelos dedos tramando fio. A primeira impressão, como a fibra sabe pressionar o barro, bolsa de levar histórias assada ao lado da fogueira. Não por acaso, das cinzas se faz um desenho.

Os insetos comendo a imagem, a pedra comendo os bichos, humanos empilhando pedras e nelas gravando nomes. Como cabeças sabem atravessar coroas, descoroar. Romper a latência do caroço, enfeitar de fita a dança, como as danças sabem mover fumaça, como espinhos sabem segurar a água, como a cerca não limita os passos, como a fé sabe ensinar, gavinha dos passos.

Minuto 12'50''

Tudo que você procurasse nessas duas mulheres, nessas 2.000 mulheres tinha. Mas foi legal também, foi legal demais. Fomos andar na rua, pra terminar, aí teve uma cavalaria, menina, e os policial lá são tudo cão do inferno que pintou com cavalo bravo e quiseram botar no meio de um horror de mulher que tinha lá. E as mulheres começaram a gritar a ele, menina, e ele disse:

– *Vocês sabem com quem tão falando?*

– Com um cavalheiro muito mal educado que vieram botar em cima das mulheres que tão andando e foi botando cavalo chega fazia assim com as mão por arriba de nós, lá em Brasília, nós aguentemo foi coisa lá, minha filha, em Brasília.

Menina ali foi chique, não foi? aquela caminhada, tu filmou aquela caminhada?

– *eu não filmei não, só fizemo foto.*

Mas foi boa, num foi, não? Foi muito bonito, nós chegemos no Caldeirão, seu menino, vimos aqueles degraus, ave maria, que coisa mais linda! Até o santo aplaudia, é que nós não vimos, e ele dizia assim:

– *Ai que felicidade grande, né?*

E andava aquele homem que depressa ele sabia..

– mulher, tira!

– tira!

... depressa ele ajeitava tudo que ficava coisa tudo bem feitinho, ele caçava galho de mato, enfeitava.

Era do beato, aí mandaram é.. teve essa elite que tinha no Juazeiro, que pobre pra ele era cachorro, não era? Ele podia mandar matar e era mesmo que matar ninguém, do mesmo jeito que matei essa galinha. Ele pegou e mandou matar esse povo lá pra entregar a terra pra quem eles quisessem. Aí esse padre, nesse tempo era o povo rico daqui, foi quem tomou de conta, né? Por que já que era do Padre Cícero, o padre era padre e podia tomar de conta.

E não foi só esse padre. Eu acho que era muitos padres. E aí minha filha, esse padre era ruim, esculhambava com nós, esculhambava com nós. Tinha uma

irmã dele também, ainda bem que ela morreu, Pureza, ela morreu, e não sei se o padre ainda é vivo não, mas o padre ia mandar matar nós lá.

E ele dizia que nós era uns ladrões, menina ele dizia tanto nome feio com nós, Mas graças à Deus, dona menina, que Deus é bom, teve muito que não aguentou, ó, e saiu.

Mas quem queria era terra e trabalhar, ficou, pra mostrar pra eles de Monte Alverne e o próprio padre, que nós não era bandido, não era ladão. Nós tava ali por necessidade. Eu acho que esse exemplo ele vai levar pro inferno, pra onde ele for. Nesse tempo era 90 famílias, mulher, era gente demais. O Caldeirão fervia de gente. O diabo era que o padre ia lá.

Minuto 15' 40''

retorno ao ferro enquanto aguardo o algodão florescer
pé de algodão preto fotografado à noite
paina de ferro dormindo sobre a cama
explosão de pipocas celestes no campo noturno o céu ao reverso
os fanáticos, todos vestem preto nossa roupa preta de hoje
fanática estou
araripe mantiqueira do cariri ao matutu latas enferrujadas e barbante
algodão jorrando leite e o som da sua voz
o fio liga a trama

ganhei de presente no dia do meu aniversario o poder de conversar com as
serpentes
no largo do rio do remanso da cachoeira assisti uma cobra coral atravessar
rastejando na água umas raízes, raio

Minuto 16'48''

Não sei se a ideia era fazer brotar uma cachoeira, que descesse do topo da Chapada do Araripe até o pé de serra, véu de noiva escorrendo naquele paredão vermelho, até podia ser.

Quando vi a chapada pela primeira vez, do avião, parecia uma fuga na rota. Como assim uma escala não planejada sobre o mar?

Aqui, nos limites do Caldeirão da Santa Cruz, o único deserto que vemos é a correnteza lenta da obra e a espera pelo fim desse tormento. Depois, haverá ainda o deserto da saudade que o rio sente e passa pra gente, nadando na curva segmento de reta, rastro de tantas falhas, cordão da memória arquivada no volume todo de água minerada de um canto pro outro.

E eu pergunto pro rio, se era mesmo um desejo dele sair por aí, sem rumo, mansinho. Rio de sangue do boi morto num mar fóssil, o sol dentro de um túnel, uma serpente, outro horizonte.

Minuto 18'12"

Não, isso aí é pros empresários, não é pros pobres não. O homem, o doutor, me disse:

– Aí é pros empresários, a senhora tem que ir na SOIDRA, fazer uma ficha, começar a pagar, pra poder, quando a água chegar, a Senhora ter direito.

E eu dizia: é mesmo? e aquela propaganda que é pros pobres? é mentira, se ele disser que é pros pobres, pode dizer que é mentira, ali não tem nada pros pobre não. Aí é pros empresários láaa de onde mora aquele Ciro Gomes pracolá, aquele lugar

– pro sangue ficar durinho no pescoço, aí ela bota no fogo, aí quando endurece ela vai pega, tira o bico, tira a garganta..

É que tem gente que da galinha só come esse pedaço, olha

Porque diz que o rio (...) mulher a coisa ficou aqui dentro da garganta.

Ó, o açude, o rio São Francisco, tava seco. Mas diz que choveu tanto na Bahia, que o rio, a água tá sobrando. Aí parece que tá, um buraco que eles fazem ali

pra sair pra outros cantos, tá já transbordando. Aí tem que trabalhar a todo vapor, botar a água pra andar, se não estoura lá um barreiro que tem em Jati.

– *Reservatório ne?*

– *Estourou em Jardim, Jati, ne?*

Em Jati

Diz que a água do rio São Francisco tem água demais.

Minuto 19'44''

Isso tudo é onde era a entrada da casa de mãe. Tanto de máquina, os tratores, tá vendo? Os pé de fruta, não tem mais, ó. Desse jeito, está inté lá na vazante de mãe, onde mãe trabalhava com a horta, uma destruição só. Quem vier pra casa de mãe não acerta mais o caminho porque está sem acesso.

Minuto 20'15''

E aí, nesse sentido, eu vejo a agrofresta com todo esse potencial: ele é o meu alimento, ele é o meu remédio, ele é aonde eu consigo plantar, e aí, quando eu falo da agrofresta, eu digo assim: qual a diferença que eu consigo dizer que ela tem hoje diferente do roçado?

É que hoje, quem tem terra, quem tem terra, e isso é interessante a gente deixar bem claro, que o que aconteceu anteriormente, na diminuição da variedade desse potencial de plantio dentro dos roçados, ele aconteceu, a diminuição desse plantio, ele aconteceu porque as pessoas não tinham terra.

Mas se tu não tiver terra, tu não vai poder fazer isso. Por mais que tu consiga fazer e querer trazer tudo isso, tu vai ter sempre um limite.

Né, então assim, hoje a gente consegue fazer esse, esse.. todo esse esse processo, toda essa construção da agrofresta, trazendo essa diversidade, mas trazendo o fruto mais pra perto da gente, trazendo o jatobá, que antes tava muito mais longe, mas trazendo ele pra cá, pra dentro do meu roçado, dizendo assim: tu vai crescer depois o fruto tá aqui, né, então assim, quando eu precisar eu vou pegar o fruto e vou conseguir comer aqui, mas se eu precisar

da sua casca você tá aqui perto de mim, da sua raiz, e você já está aqui dentro, pertinho, ta no meu roçado, ta na minha farmácia.

Eu digo isso porque eu consegui, ter esse pedaço, mas, de terra, mas nem todo mundo consegue. Então várias pessoas estão apenas na vontade

Minuto 22'07"

– Derruba a cisterna Puca, viu?

– Conta, Puca!

– *Tá sabendo né, como é?*

– To sabendo, só que eu não vou dar não.

– *Vai não?*

– Vou não, vou não.

– *Vou dizer a ele.*

– Pode dizer, diga a ele que eu não vou dar não, que nós nunca tivemos isso aqui, ne?

– *Pois é, eu disse a ele.*

– Não, pode dizer.

– *Digo mesmo.*

– E nós não vamos, nós não vamos. O tempo dos escravos já passou

– *Tá certo, vou dizer a ele.*

– Viu? Que aqui eu sei que a terra é dele mas o que tem em cima da terra foi nós tudo que produzimos. Nós sabe muito bem que a terra é dele. Nós mora no que é dele, só que o que tem em cima da terra é nosso.

– *To fazendo minha obrigação.*

– Eu sei, você não tem nada a ver não, tá fazendo a sua parte, viu? mas não vou dar não, Puca. É muita humilhação ele fazer uma coisa dessa com nós morador, ele vim atrás de 5 reais de cada caixa de seriguela. Isso é uma injustiça. quando a gente fala por aí, o que está acontecendo aqui, é, quando a gente fala o que está acontecendo aqui, o povo fica admirado, isso é uma vergonha e grande. Eu sei que você tá fazendo a sua parte, não tem nada a ver, mas eu não dou 1 centavo, eu não dou não.

Minuto 23'22"

E aí esse é o resultado do que esses povo tá fazendo com nós.

Minuto 23'35"

*Oh o pé de acerola cheio, pé de limão, isso é um crime, pé de limão oh
Aí Dona Julieta, teu filho!*

Minuto 23' 53"

transcrevo

Minuto 23' 54"

anúncio de 15 de abril de 1937 publicado na página 10 do jornal O Estado hoje, O Povo:

caroços de algodão e ossos, não façam suas vendas sem consultarem as condições dos especialistas, nesta praça, Ulysses Borges & filho, a maior sinceridade na liquidação. Acima do anúncio, leio: continuação da diligência do caldeirão a terra é sáfara e quase estéril.

Transcrevo, processo arquivado em 2008: que torne público o local da vala comum, que exume todos os corpos, que identifique as vítimas por exame de DNA, que indenize os familiares das vítimas, que inclua na história oficial o massacre do Caldeirão.

Minuto 25' 07"

É necessário reavivarmos esses saberes se nós quisermos de fato enfrentar tudo isso que temos aí, se quisermos de fato fazer algo diferente pelo Universo, é necessário compreender que em cada território tem o seu potencial, e cada território construiu e tem suas formas e suas ferramentas de enfrentamento. sempre teve. e que cada realidade é uma realidade e essas realidades, quando elas construídas para um bem maior, elas se tornam única.